



### Ivan Padovani<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0007-5443-3433>  
contato@ivanpadovani.com

### Nathalia Lavigne<sup>2</sup>

<https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-6685-0583>  
<http://lattes.cnpq.br/6943266349910495>  
nathalialav@gmail.com

---

1 - Ivan Padovani nasceu em 1978 em São Paulo/Brasil, cidade onde reside e trabalha. É formado em Administração pela FAAP e Pós Graduado em Fotografia pela mesma instituição. Paralelo à sua atuação como artista visual, Ivan também é professor na Escola Panamericana de Arte. Entre os anos de 2017 e 2020 esteve à frente da gestão do VÃO, espaço independente arte. Foi co-fundador e coordenador do F+, núcleo de formação em artes visuais da Fauna Galeria. Atualmente é gestor do Canteiro, Campo de Produção em Arte Contemporânea.

2 - Nathalia Lavigne atua como pesquisadora e curadora. Pós-doutoranda no MAC USP (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo), possui doutorado pela FAUUSP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) e mestrado em Teoria Crítica e Estudos Culturais pela Birkbeck, Universidade de Londres. Seus interesses de pesquisa envolvem temas como documentação social e circulação de imagens em redes sociais. Como curadora, organizou exposições como «Against, Again: Art Under Attack in Brazil», Anya and Andrew Shiva Gallery (John Jay College, CUNY, NYC, 2020), e «Tactics of Disappearance», Paço das Artes (São Paulo, 2021). Atualmente é fellow no Käthe Hamburger Kolleg: Cultures of Research (c:o/re) na RWTH Aachen University em Aachen, e desenvolve o projeto After Memory em colaboração com Lisa Deml e Víctor Francelli Capdevila, cuja primeira etapa acontece no formato de um simpósio no zkm, em Karlsruhe, na Alemanha.

**Resumo:** No ensaio crítico “Arqueologias Efêmeras”, realizado no contexto da exposição Trauma, em 2018, Nathalia Lavigne analisa imagens de obras de infraestrutura paralisadas feitas por Ivan Padovani em São Paulo — uma paisagem quase padrão na cidade, especialmente nos últimos anos que antecederam as transformações urbanas prometidas para a Copa do Mundo, em 2014. Mas ao isolar esses blocos de concreto e vigas metálicas de qualquer outro referencial, as estruturas ganham o aspecto de monumentos, evocando um ideal de transformação que parece ter ficado em suspenso. O texto aponta questões como um estado de suspensão permanente nessas imagens, evocando um presente que se repete na forma de monótonas vigas de concreto e o prelúdio de um futuro imponente, ambicioso, promissor, mas não chegou e não se sabe quando vem.

**Palavras-chave:** fotografia, arquitetura, ruínas, memórias urbanas, monumentos

**Abstract:** *In the critical essay “Ephemeral Archaeologies”, produced in the context of the Trauma exhibition in 2018, Nathalia Lavigne analyzes images of stalled infrastructure works carried out by Ivan Padovani in São Paulo — an almost standard landscape in the city, especially in the last few years leading up to the urban transformations promised for the 2014 World Cup. However, by isolating these concrete blocks and metal beams from any other reference, the structures take on the appearance of monuments, evoking an ideal of transformation that seems to have been put on hold. The text highlights issues such as a state of permanent suspension in these images, evoking a present that repeats itself in the form of monotonous concrete beams and the prelude to an imposing, ambitious, promising future, but which has not arrived and no one knows when it will.*

**Keywords:** *photography, architecture, ruins, urban memories, monuments*

Convém fazer um breve exercício imaginativo ao olhar para as estruturas de concreto e vigas metálicas repetidas em série nas fotos de Ivan Padovani. Que história seria possível contar a partir dessas construções, caso nos deparássemos com elas daqui a mil anos? Se os edifícios e planos de uma cidade são também documentos materiais de uma civilização, que tipo de testemunho revelariam esses esqueletos urbanos congelados no tempo? Estariam inacabados ou semidestruídos, como indicam as marcas da ferrugem metálica escorrida sobre o concreto? Sua vocação monumental seria apenas uma intenção sem muito propósito, ou teriam sido erguidos para de fato celebrar alguma coisa, terminando como monumentos involuntários em homenagem à coisa alguma?

Há um estado de suspensão permanente nessas imagens. Como portais do tempo, elas parecem anunciar o prelúdio de uma nova fase ainda desconhecida. O futuro é imponente, ambicioso, promissor, mas não chegou e não se sabe quando vem. Enquanto isso, segue-se em um presente que se repete na forma de monótonas vigas de concreto, uma ao lado da outra, sob o mesmo céu monocromático com pouquíssimas variações de cinza.

A busca por arqueologias efêmeras de uma cidade que produz suas memórias sem muito refletir sobre o que guarda para o futuro é uma parte importante no processo do artista. Nessa nova série, ele acompanhou, durante dois anos (2015–17), um conjunto de obras de infraestrutura por São Paulo que haviam sido interrompidas nesse período. As construções inacabadas, embora fotografadas em lugares diferentes, parecem ser quase sempre as mesmas — a eliminação de qualquer outro detalhe na composição das imagens reforça esse aspecto. A cidade nunca é vista como um todo, mas em partes desmembradas, em registros aparentemente genéricos de lugar nenhum, não fossem pelos indícios tão familiares que evocam a paisagem urbana da capital paulista.

A repetição e o desmembramento têm também uma relação importante com o título da série e da exposição. Em *O Retorno do Real* (1996), o autor americano Hal Foster desenvolve o conceito de “realismo traumático” baseado na noção de trauma da psicanálise lacaniana, que entende a repetição como uma única maneira de acessar um real que nunca aconteceu; uma tentativa de re4rar todo e qualquer significado das imagens até esvaziá-las completamente.

Na sequência montada logo na primeira parede, Ivan apresenta uma mesma fotografia multiplicada por cinco. Por um instante, olhamos as marcas e camadas que escorrem pela lateral do bloco de concreto tentando encontrar uma mínima diferença entre cada imagem, algum detalhe que indique uma progressão ou continuidade naquela cena, que poderia se repetir infinitamente. A mesma dúvida é apresentada em outros momentos, mas de forma contrária: estruturas que parecem as mesmas, fotografadas de outros ângulos, quando, na realidade, são todas distintas, embora muito similares umas às outras.

“Não há praga urbana que seja tão devastadora quanto a Grande Praga da Monotonia”, escreveu Jane Jacobs em *Death and Life of Great American Cities* (1961), uma das principais críticas ao plano urbano ortodoxo do modernismo. A autora parte de Nova York como exemplo para combater projetos que queriam adequá-la aos moldes do que era entendido como uma “grande cidade” na época, com viadutos e vias expressas atravessando bairros inteiros. Muitas dessas ideias respigaram tardiamente em São Paulo, a partir dos anos 1970.

As imagens de Ivan Padovani carregam um pouco da monotonia descrita por Jacobs, em que a falta de diversidade urbana leva uma cidade a ruir soturnamente. E aí restam apenas seus monumentos involuntários, vistos por ninguém. (Nathalia Lavigne)

### Referências

Filho, M. K., & Eiró, J. L. (2020). Terrane de Ana Lira | Trauma de Ivan Padovani: o discurso do artista, o discurso da obra. *Revista Concinnitas*, 21(38), 470–486. <https://doi.org/10.12957/concinnitas.2020.50325>

JACOBS, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House, 1961.















